



GOMES, R. **A saúde do homem em foco**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. (Saúde e Cidadania).

Marco Antonio Separavich<sup>1</sup>

Lançado em outubro de 2010, o livro **A saúde do homem em foco**, do educador e pesquisador em Ciências Sociais e Humanas em Saúde, Romeu Gomes, traz informações esclarecedoras e úteis sobre comportamentos, agravos e conceitos que envolvem a saúde masculina. Com o recente lançamento da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), pelo Ministério da Saúde, que busca facilitar o acesso aos serviços de Saúde dos homens que, conforme aponta a literatura especializada, não procuram os cuidados de saúde, o tema tem proliferado na mídia.

Neste sentido, o livro é bem-vindo, pois contribui para divulgar informações mais criteriosas sobre a saúde masculina.

Professor titular do Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz/RJ, pesquisador competente e pioneiro, no Brasil, nos estudos sobre saúde do homem e masculinidades, Gomes convida o leitor para uma "conversa sobre um assunto que os homens não costumam falar" (p.7): sua saúde. Contribui para estabelecer esse diálogo a forma simples, didática e franca com a qual expõe conceitos complexos que

frequentemente envolvem o tema, tais como: gênero, estilos de masculinidades, saúde, sexualidade, violência, entre outros.

O livro tem o formato de **pocket book**, um pouco menos de cem páginas, ausência de notas de rodapé, glossário para esclarecer o público leigo sobre os termos técnicos utilizados, o que facilita a leitura, e integra a Coleção Saúde e Cidadania, da Editora Unesp. É dirigido ao cidadão comum, do sexo masculino, não excluindo, no entanto, como sublinhado pelo pesquisador, as mulheres desta conversa, já que o ponto de partida e o fio condutor do texto é o conceito de gênero, pressupondo, assim, o enfoque relacional.

No 1º capítulo, a partir da pergunta "o que é ser homem?", o autor define sinteticamente, mas de forma pontual, gênero como as características impostas aos homens e mulheres no processo de socialização para diferenciar "alguém do sexo masculino do sexo feminino" (p.14). Ressalta a ideia de modelos de comportamentos socialmente esperados para ambos os sexos, que comumente se apresentam estereotipados e tendem a ser internalizados, pensados e reforçados no interior da sociedade.

<sup>1</sup> Departamento de Medicina Preventiva e Social, FCM, UNICAMP. Rua Tessália Vieira de Camargo, 126. Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. 13083-887. mseparavich@hotmail.com

Buscando esclarecer o conceito de gênero ao público leitor, partindo do repertório da cultura popular, o educador se serve de passagens literárias e musicais - como quando cita a letra da música **Super-homem**, de Gilberto Gil, para mostrar a existência da ilusão, no imaginário social, de que ser homem é ser bruto, forte, agressivo, autônomo, enfim, ser portador de uma masculinidade idealizada que se contrapõe à ideia do feminino como delicado, fraco, sensível e dependente.

Se, por um lado, essas características fazem parte de um modelo ideal de ser homem, de uma **masculinidade hegemônica**, por outro, Gomes traz algumas falas de entrevistados de suas pesquisas que apontam para a factibilidade parcial do mesmo no cotidiano da vida, pois, "há homens delicados, e outros não; tem homem agressivo e outro já é mais calmo" (p.21), ou seja, homens com características socialmente valorizadas como masculinas e outros tantos com aquelas tidas por femininas, que não deixam de ser, todavia, homens.

É esse processo de alteridade que está para além das diferenças corporais, de se perceber diferente, mas também semelhante às mulheres, que pauta as considerações do autor sobre masculinidades e sustenta a sua definição de ser homem, qual seja, "ser uma pessoa que sente, pensa e vive [...] e [que é] capaz de amar outra pessoa" (p.24).

No 2º capítulo são apresentados dados epidemiológicos sobre as causas principais de morte e adoecimento de homens e mulheres. Doenças isquêmicas do coração, cerebrovasculares, homicídios, acidentes em transportes terrestres e doenças crônicas das vias respiratórias inferiores ocupam, no caso masculino, respectivamente, os cinco primeiros lugares. Já entre as mulheres, homicídios e acidentes não figuram como causas significativas.

Destaca-se que tanto os agravos à saúde quanto as enfermidades em si não se relacionam somente às causas biológicas, encontrando-se intersectados por modelos culturais de gênero que esculpem **estilos de vida** específicos para cada um dos sexos. Assim, numa sociedade em que poder, força e êxito integram o ideal perseguido de uma masculinidade exemplar, os riscos para se atingir tais fins são assumidos pelos homens como um valor, o que pode comprometer sua saúde e daqueles que os rodeiam.

A própria ideia do cuidado de si obedece a essa lógica, onde prevenção de adoecimentos e cuidado com a saúde são socialmente concebidos como características femininas, expressos exemplarmente na figura da mãe zelosa e da esposa/companheira cuidadora de si e dos membros da família.

No entanto, como aponta o autor, essa masculinidade tradicional encontra em certos segmentos da mídia um contraponto, como em algumas revistas que procuram incentivar o homem ao autocuidado do corpo e da saúde, mas cabem ressalvas citadas no texto. Primeiramente, não são dirigidas aos homens em geral, mas a um público específico, ao homem branco, de classe média ou alta, na faixa etária entre vinte e cinquenta anos. Em segundo lugar, valoriza-se a estética do corpo musculoso, de formas esculturais, modelo corporal idealizado para ambos os gêneros. Por fim, há o forte apelo ao aprimoramento do desempenho sexual, reiterando o ideário individualista vigente na sociedade, no qual o sucesso em todos os campos da vida (profissional, sexual etc.) depende única e exclusivamente do cidadão, visto antes como consumidor de produtos e serviços.

No 3º capítulo são trabalhados temas referentes à sexualidade masculina. Além de esclarecer as preocupações mais comuns dos homens, tais como problemas com a ereção, ejaculação precoce e o tamanho do pênis, há a distinção entre comportamento e conduta sexuais. Enquanto no primeiro termo há o aspecto generalizante da libido a mover a ação sexual, assumindo a sexualidade um caráter supostamente individualizado, ao se referir à conduta sexual, o autor enfatiza os significados atribuídos às práticas sexuais, notadamente influenciados pela cultura em que se vive.

Em termos gerais, a conduta sexual socialmente esperada dos homens é a heterossexualidade, sendo estimulada uma masculinidade heterossexual ostensiva, na qual a quantidade de parceiras se configura como um atestado de ser "mais homem" tanto para si quanto para seus pares, ou na ideia particularmente preconceituosa de "homem que é homem não usa camisinha".

Aqui, o papel masculino na prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e AIDS é destacado, pois há certas formas de viver a masculinidade que colocam em risco a saúde

sexual não só do homem, mas também de outras pessoas. É necessário, portanto, como aponta Gomes, que uma parcela significativa dos homens supere preconceitos e respeite os direitos sexuais; aliás, o respeito às diferenças culturais e de sexo, cor, orientação sexual e classe social são fundamentais para que os direitos reprodutivos e sexuais possam ser assegurados.

No 4º e último capítulo discorre-se sobre o prejuízo da violência na vida de homens e mulheres. Numa definição concisa da pesquisadora Maria Cecília Minayo, "a violência consiste no uso da força, do poder e de privilégio para dominar, submeter e provocar danos a outros: indivíduos, grupos e a coletividade" (p.70).

O pesquisador ressalta o caráter complexo de tal fenômeno, não sendo possível uma definição completa, mas aponta características que a delinham: é universal, essencialmente de origem social, perpassada pelas relações sociais, em nossa sociedade, sobretudo, pelas de gênero e de classe.

Quando se atenta para a violência de gênero, é comum se dizer que os homens são "naturalmente violentos". A naturalização da violência masculina torna-se tanto mais tenaz à medida que os indicadores epidemiológicos expressam dados da realidade social: o homem é, ao mesmo tempo, o maior causador e vítima de atos violentos.

Trata-se, como sublinha Gomes, no caso da violência intergeracional, de um modelo de gênero, no qual se atribui ao homem o papel de domínio e à mulher o de submissão. Assim, pode-se explicar, em parte, a violência doméstica como a busca pelo predomínio do poder masculino no âmbito privado.

Mas, há também a violência intrageracional, perpassada por eixos que constituem o sujeito social, tais como cor, classe e orientação sexual.

Com relação à sexualidade, a padronização do modelo da conduta heterossexual pode levar homens a verem outros que não comungam desse mesmo padrão de orientação sexual como doentes, pervertidos moralmente, "menos homens", e a partir daí deflagrar um processo de violência, por meio de agressões físicas, verbais etc., tendo por base a **homofobia**.

Embora seja um fenômeno social complexo, o autor sugere alguns passos para a prevenção da violência. É na informação e no esclarecimento dos homens que reside a saída para a diminuição do processo de violência. A divulgação das ideias de que antes de serem homens são pessoas, que não existe um modelo único de masculinidade, de ser homem, e que todos têm direitos de fazer suas escolhas, e que devem, por seu turno, ser respeitadas, constituem o início desse processo.

Terminando a conversa, Romeu Gomes tece algumas considerações sobre os cuidados que os homens devem ter para com sua saúde: fazer exercícios físicos regularmente, cuidados com a alimentação, beber água constantemente, o prejuízo do uso de drogas lícitas e ilícitas, a necessidade de se evitar o estresse, e a responsabilidade com a manutenção da própria saúde, com a ida regular aos serviços de saúde.

Enfim, ao final do livro nos fica a certeza de que não somente o público leigo irá se beneficiar com a leitura, mas também os profissionais e pesquisadores de Saúde, pois, ao apresentar os problemas e temas que envolvem a saúde masculina, de forma clara e simples, contudo, não menos profunda, o autor possibilita que o olhar sobre os homens se amplie, ficando para trás preconceitos tradicionalmente arraigados em nossa cultura, que impedem de vê-los não como grandes ou pequenos homens, mas, mais próximos do que realmente são.

Recebido em 01/03/11. Aprovado em 06/04/11.